



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



**Agcom**  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**17 e 18 de dezembro de 2016**

Debut naturalista / Karla Silva / Decoração de interiores / Curso de Administração / UFSC / Livro / Universo da Decoração / Santa Editoria



WHAT'S UP

Por Laura Coutinho

© karla.coutinho

diario.catarinense.com.br

W diário.catarinense.com.br/whatsup

WhatsApp sk

Adepta de elementos orgânicos em seus projetos de decoração de interiores, Karla Silva comemora 15 anos com lançamento de livro



# Debut naturalista

**D**ona de um estilo que é só dela, Karla Silva colhe os frutos de um reconhecido trabalho de 15 anos com decoração de interiores.

Além de transitar com elegância entre dois business – uma loja de roupas, que administra ao lado da irmã, Bianka, e o escritório de décor –, ela coroa o momento da melhor forma: um livro que reúne seus projetos mais queridos: Karla Silva – Universo da Decoração (Santa Editoria, 132 páginas). Aos 41 anos, a profissional nascida em Florianópolis sabe o exato momento que vislumbrou na decoração um futuro ideal.

– Meus pais fizeram o apartamento deles em 1985 com a decoradora Alcinha Damiani [considerada a dama da decoração catarinense, falecida em 2012, e a quem Karla dedica o livro]. Quando a vi trabalhando, tive certeza que ia querer ser assim. O cuidado com cada detalhe, da colcha ao papel de parede, tudo tinha um motivo. Aquilo me encantou – contou Karla.

Embora soubesse desse desejo desde os 10 anos, a boa filha atendeu aos pedidos do pai, dono de uma rede de loja de calçados, e se formou em Administração de Empresas na UFSC. E persistiu nos negócios da família por um tempo até conhecer uma carioca descolada e rumar com ela para os serviços de organização de casa.

– Foi assim que entrei nas casas: da organização do álbum de fotografia a uma opinião sobre almofadas – relembra.

Nessa época resolveu recuperar o tempo perdido afastada do universo de predileção e procurou formação no Rio de Janeiro, mais tarde complementada na capital catarinense. Na época, namorava o publicitário Wilfredo Gomes, que deu a ela a primeira oportunidade: decorar a casa dele na Costa da Lagoa.

– O projeto teve destaque, emplacamos na Casa Claudia. E aí a coisa foi indo no boca a boca.

Além do momento profissional benéfico, Karla também experimenta as delícias de um casamento recente. Em abril desse ano, a designer oficializou a união com o empresário Tiago Brasil Rocha com uma festa entre amigos na Ponta do Papagaio.

– Sou workaholic de nascença, bailarina profissional, viciada em ginástica e louca por Carnaval. Amo namorar e viajar e sonho estudar línguas e conhecer o mundo – autodefine, um liquidificador de influ-

ências bem presente nos seus projetos.

**De onde surgiu a ideia do livro?**

Em 2014 postei no Facebook que, em 2015, faria 15 anos de profissão e a Santa Editoria me procurou e perguntou se não queria publicar um livro. Eu amei. Acho que é a primeira edição de livro catarinense voltado para arquitetura e decoração.

**O que sempre funciona bem em qualquer projeto?**

Bons acabamentos como piso de madeira e um ferro de gesso reto, liso. Eu tenho uma pegada mais naturalista, então aposto no couro, fibra e palha. Elementos naturais nunca saem de moda, se perpetuam para toda a vida.

**Destaque um projeto seu que goste muito e por quê?**

Um apartamento na Beira-Mar Norte que está no livro e onde recebi do cliente carta branca para usar muitas peças de design. Escolhemos objetos como a mesa de jantar Filites, do designer Guilherme Torres, a Smoke Dining Chair, do holandês Maarten Bass, e a luminária pendente Dear Ingo, criada pelo israelense Ron Gilad. Eu sempre digo que uma dessas peças é eterna: um tapete persa o seu filho vai herdar, diferente de um tapete da moda mais barato que não vai ficar para a história.

**Desde que começou, observa maior abertura dos clientes para peças de design nos projetos?**

Muito mais. Acho que pelo acesso à informação eles querem consumir design. Sou contra a falsificação, mas não vejo problema do cliente adquirir uma réplica. Até porque, muitas vezes, depois eles buscam a original.

**Seus projetos sempre reservam espaços para contar as histórias e o estilo dos moradores. Existe receita para garantir uma casa com alma?**

Acho que uma boa dica é não ter pressa. É preciso dedicar tempo na hora do projeto, vivenciar-lo, ouvir os profissionais e pesquisar referências. Também sou a favor de aproveitar bastante o que as pessoas e as casas já têm. Lá trabalho em um prédio onde fui a única que manteve o piso de parquetê. Objetos de família e de viagem também garantem esse tom mais pessoal na décor.

“Presente personalizado, criativo e catarinense”

Presente personalizado, criativo e catarinense / Pequenos produtores / Natal / Fecomércio / Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas de Santa Catarina / Estudante / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Eduarda Pereira / Compra / Professor / Jurandir Sell Macedo

# PRESENTE PERSONALIZADO, CRIATIVO E CATARINENSE

**COMPRAR DE PEQUENOS** produtores é tendência no mundo todo e, aos poucos, desponta em Santa Catarina

GABRIELE DUARTE

gabriele.duarte@diariocatarinense.com.br

Os catarinenses pretendem gastar em média R\$ 446,43 com cerca de cinco presentes de Natal. É o que indica uma pesquisa realizada pela Fecomércio e Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas de Santa Catarina, que também mostra um crescimento de 5% em relação a expectativa dos consumidores em 2015. Quem também deve observar resultado positivo são os pequenos produtores que, apesar de não aparecerem nas pesquisas de intenção de compra, vendem cada vez mais seus artigos, geralmente artísticos, expostos em feiras ou pela internet. É uma tipo de presente que, além de mais barato, personalizado e sustentável, fortalece a economia local.

Não somente atrás de melhor preço, mas principalmente de algo personalizado, é que a estudante da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Eduarda Pereira, 20 anos, pensou em presentear uma amiga com algo bastante específico. Um enfeite para a casa que mostrasse um trecho da abertura da série de TV *Gilmore Girls*. A jovem sabia que não encontraria o item no comércio tradicional e encomendou-o de outra colega, que aventurou-se há pouco tempo nas artes manuais.

“Ainda faço compras no comércio tradicional, mas acho que as pessoas procuram coisas diferentes nessa época do ano, já que as lojas tem sempre as mesmas opções”, reconhece Eduarda.

A fornicadora do objeto de decoração é a jornalista Marina Juliana Gonçalves, 23 anos, que começou a bordar inspirada nos modelos que via pela internet. Quase que imediatamente, percebeu a demanda por itens com diferentes preços, prazos e modelos. “O mercado independente está crescendo. O diferencial é que as pessoas podem comprar produtos exclusivos, feitos em pequena escala, ajudar pessoas que estão criando peças com personalidade, com uma ideia por trás, sem visar só o lucro”, comenta Marina.

No comparativo com o varejo tradicional, a artesã destaca a possibilidade de estreitar o relacionamento com os consumidores. O

O Natal será um reflexo do ânimo da economia brasileira: mantêm-se a tradição de presentear, mas com itens econômicos - comenta o presidente da Fecomércio em SC, Bruno Breithaupt.

BRUNO BREITHAUPT

atendimento, inclusive, é um dos motivadores para a compra, segundo a pesquisa de Intenção de Compras Natal 2015.

“As grandes empresas geram rendas astronômicas o ano inteiro, enquanto o pequeno produtor se faz no boca a boca. Isso cria uma relação muito mais forte e verdadeira entre produtor e cliente - defende Marina.

## TENDÊNCIA COMPROVADA

A valorização daquilo que é produzido localmente é uma tendência consolidada em países desenvolvidos e em ascensão nos emergentes, conforme observa o professor de finanças pessoais da UFSC, Jurandir Sell Macedo. O especialista credita tal comportamento, que acontece tanto em feiras de rua quanto na internet, a uma maior sensibilização econômica, social e ambiental.

“A prática oferece emprego para as pessoas que estão aqui, reduz custos com logística para levar o produto até o consumidor e isso tudo estimula a economia local. Desvalorizamos aquilo que era local por muito tempo, mas essa lógica está se invertendo, graças aos jovens, que tem consciência mais ampla - analisa.

A coordenadora regional do Sebrae na Grande Florianópolis, Soraya Tonelli, lembra que a época que antecede o Natal é propícia para o surgimento desse tipo de empreendedor.

“Hoje, no Brasil, o percentual por oportunidade já é maior do que aquele que empreende por necessidade. No início, é fundamental buscar conhecimento, realizar um bom planejamento e validar o modelo de negócio.

## 10 opções de presentes criativos para comprar de produtores catarinenses

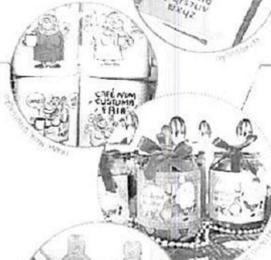
### 1) Tesourada

Marina Juliana Gonçalves borda frases e desenhos, principalmente feministas, sob enxada. Os bordados em bastidores ou molduras custam R\$ 40, camisetas R\$ 50, bolsas R\$ 60 e colares R\$ 35. Contato pela página da tesourada no Facebook em @tesouradabordados.



### 2) Caneca do Frank Maia

O chaquiá catarinense Frank Maia está vendendo canecas estilizadas com seus desenhos bem humorados. Os itens podem ser adquiridos na Pulp Store (Rua Jerônimo Coelho, 312), no Centro de Florianópolis.



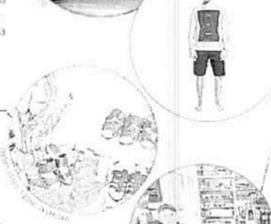
### 3) Growler de cerveja

O projeto Eu Bebo Cerveja Local incentiva o consumo de cervejas artesanais de Santa Catarina. Os recipientes chamados 'growlers' permitem experimentar a maior variedade possível. Custam cerca de R\$ 10. Neste sábado, acontece um festival da campanha. Leia mais na página do evento no Facebook.



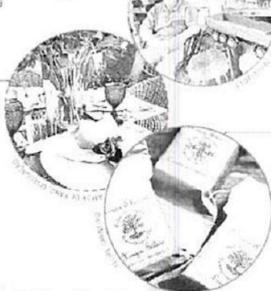
### 4) Calçados artesanais

A marca de Jaraguá do Sul, Drowski Shoes, une estilo e conforto nos calçados produzidos artesanalmente. Quem produz é a artista Danlyelle Schwarkowski, que realiza os materiais. Confira os modelos na página da marca no Facebook.



### 5) Jogos americanos

Denominada uma loja de roupa de mesa no Vale do Itajaí, a Amor de Pano produz jogos americanos capazes de dar um toque diferente a decoração. As encomendas podem ser feitas pelo WhatsApp (47 9 9658 1888) e são entregues para todo o país.



### 6) Arte impressa

A J. J. de Arte Rafaela (Rua Fernando Machado, 261, Centro, Florianópolis) está com um bazar de Natal com preços especiais de gravuras, fotografias, pinturas e almofadas produzidas por artistas catarinenses. Leia mais: facebook.com/rafaelajj.

### 7) Lancheiras recheadas com doces

Panetone ou pão de mel de colher, qual o seu favorito? O pieco e a tábua: R\$ 15 cada. Se quiser, também pode comprar junto uma lancheira produzida manualmente pela mesma confeitaria. Informações na página do Maná de Retalho, mais a de São José, no Facebook.

### 8) Roupas ecológicas

A marca Made In Guarda, da Guarda do Embu, une esporte, natureza e moda. Produz roupas jovens, autênticas e ecológicas. As peças podem ser adquiridas em: www.madeinguarda.com.

### 9) Gepeito catarinense

A Schmitt é uma casa de artesanato administrada pelo senhor Rainold Schmitt, que começou a fazer utensílios de madeira por hobby e hoje tem a carpintaria como principal fonte de renda da família de Aguas Mornas. A dica é presentear os crianças com algum brinquedo de madeira. A fábrica fica na comunidade de Santa Inês e está aberta diariamente. Telefone: (48) 9 9162 1661.

### 10) Para ficar cheiroso

A marca de xampus, sabonetes e óleos corporais vegetais Yámana (77) tem kits de presentes a partir de R\$ 75. Radiados na Grande Florianópolis, eles enviam para todo o país.



“Índio Condá: novas narrativas”

Índio Condá: novas narrativas / Kaingang / Dia do Índio / Chapecó / Vitorino Condá / UFSC / Sílvio Coelho dos Santos / Walter Piazza / Serviço de Proteção ao Índio / SPI / Fundação Nacional do Índio / Funai / Kamé / Kairu / Marco Aurélio Nedel / Condá – o Imperador do Oeste / Deva Pascovici / Doutorado / Almir Antônio de Souza / Lúcio Tadeu Mota

OPINIÃO | VOZES

DIÁRIO CATARINENSE  
SABADO, 10 DE MAIO  
17 E 18 DE DEZEMBRO DE 2016

# Índio Condá: novas narrativas

FERNANDO VOJNIAK

**H**á alguns anos, num dia 19 de abril, a reportagem da TV local, em razão da comemoração do Dia do Índio, entrevistava um cacique de uma das aldeias de Chapecó. A história dos indígenas fora evocada e o repórter, sem perceber, disparou a pergunta: “Para você, o Índio Condá foi herói ou vilão?” O líder da reserva indígena respondeu que não o considerava um herói, mas um vilão, pois teria Condá ajudado as bandeiras paulistas e mineradoras na expansão posterior nos Campos de Guaçuara e de Palmas nos séculos 19.

Vitorino Condá foi uma importante liderança Kaingang do século 19 e, em razão de muitos de seus feitos, teve o nome lembrado em diversos momentos da escrita da história oficial. Ele passou a ser homenageado no início do século 20 no contexto da colonização do Oeste de Santa Catarina. Sua liderança foi decisiva na penetração dos luso-brasileiros e dos bandeirantes paulistas na região, especialmente pela contribuição na abertura de um novo caminho de tropas que ligava os campos das regiões mineiras do Rio Grande do Sul aos campos paulistas, passando então pelo atual Oeste de Santa Catarina. Posteriormente, ali a história de perseguição e exploração dos índios do Brasil meridional.

Os estudos de História do Oeste de Santa Catarina foram sendo amplamente e profundamente alterados depois que cursos superiores de licenciatura em História e centros de organização de arquivos e formação de acervos foram criados na região a partir dos anos 1980. Importantes pesquisadores da UFSC, como o saudoso professor Sílvio Coelho dos Santos e o estimado professor Walter Piazza, recentemente falecido, foram pioneiros nos estudos arqueológicos e indígenas em Santa Catarina. Além disso, professores de novas instituições de ensino público e privado criadas na região ampliaram esses estudos historiográficos e antropológicos, constituindo uma nova escrita da história regional. A história oficial e a historiografia acadêmica que sempre considerava os indígenas e mesmo a própria população nativa cabóca, foram contrapostas por uma nova narrativa que não só incluiu o indígena como sujeito histórico, mas também produziu pesquisas que fundamentam cientificamente os movimentos sociais na luta pela retomada de antigos territórios. E, sobretudo, revisou a história oficial baseada que reservou aos indígenas alguns nomes de ruas e praças, negligenciando completamente as condições precárias de integração, inclusive das populações indígenas no passado e no presente.

Alguns aspectos dessa nova narrativa, como vimos, foram apreçados pelo líder Kaingang local. Para ele, Condá não era o herói dos índios, mas dos brancos, porque os ajudava e, inclusive, teve seu nome reconhecido quando se intensificou a colonização com resistência nativa quase nula e devidamente contida pela corrupta parte dos funcionários do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) – depois Fundação Nacional do Índio (Funai) – registrando-se e glorificando pelo nome mais lisonjeiramente, os anos 1970. A apropriação dessa nova narrativa que revisa o herói da história local não é nada estranho se considerarmos uma presença crescente de estudantes indígenas nas universidades da região nas últimas décadas e mesmo se observarmos o poder da disseminação do conhecimento científico acadêmico. Não queremos com isso dizer que a universidade seja meramente reprodutivista, pois as formas de interpretação da história regional são ainda, felizmente, bastante diversificadas e, inclusive, as antigas narrativas evolventes, instigadas, ainda vigoram.

Históricamente, os Kaingang ofereceram forte resistência à expropriação territorial e às pressões sobre seus modos de vida tradicionais e, mesmo com a interferência marcante das religiões cristãs e pentecostais, conseguiram manter uma identidade cultural bastante forte, visível no uso de diáletos próprios. Mas também demonstram uma capacidade de sustentação de uma existência dinâmica ao falar português, ao organizarem em movimento social com outros comunidades indígenas, ao praticar diversas religiões e promover diversas formas de sincretismo religioso, ao fortalecer nos pequenos locais em estudar e pesquisar, por exemplo, Neste mundo globalizado, em que a identidade étnica, restrita a comunidade, é difícil, esta cada vez mais difícil de ser sustentada, os Kaingang marcam reconhecimento muitos traços da cultura tradicional, suas formas comunitárias, suas metáforas exotímicas

**É IMPORTANTE RECONHECER QUE CONDÁ FORA, ANTES DE TUDO, UM ÍNDIO KAINGANG, FIGURA BEM REAL, HUMANA, QUE, COMO QUALQUER OUTRO, LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA, ACERTA E ERRA, PASSA POR MOMENTOS DE FORÇA E DE FRAQUEZA, SUSCETÍVEL À BARBÁRIE QUE NOS ASSOMBRA**

Kamé e Kairu e, ao mesmo tempo, resselam grande capacidade de adaptação, justamente no momento em que as fronteiras culturais estão mais fluidas e as referências identitárias mais amplas com o amplexo das novas tecnologias de comunicação, conhecimento e entretenimento na vida social.

Mas essa dicotomia herói X vilão, seria um caminho para problematizar a história de uma personagem como Condá ou mesmo qualquer personagem histórico? Para responder essa pergunta, é importante conhecer as novas narrativas sobre a história e a cultura indígena. Neste sentido, é muito bem-vinda a obra de Marco Aurélio Nedel intitulada *Condá – O Imperador do Oeste* (Ed. do Autor, 2015) que, no campo da literatura, se debriça sobre a figura de Condá, um nome certamente mais conhecido depois da memorável e emocionante narração de Deva Pascovici, quando, para o narrador, “o espírito de Condá estava com o goleiro Danilo” na defesa inabalável e feroz que realizou no final do jogo contra o San Lorenzo, classificando o Clapense no decisivo da Copa Sul-Americana contra o Nacional de Medellín, partida tragicamente cortada como acidente do voo LaMia 2933.

Apesar de o contraponto do livro, o autor da sinopse, o jornalista Juvencio Machado da Silva, assinalar que “como toda boa história, Jolivetti tem uma questão que não se cala: o índio Condá foi herói ou vilão?”. Nedel não segue essa trilha e alerta que “poderei constatar o herói que a narrativa é uma espécie de negação a essa pergunta”. Em seguida, o leitor que “nunca esteve o autor interessado em responder tal indagação”. Seja na história ou na literatura, uma narrativa que foge dos manjões é sempre mais justa com a complexidade do tempo e da humanidade.

Vitorino Condá é peça-chave não apenas para compreender a complexidade da história dos Kaingang, mas também para entender as mudanças mais recentes no modo como escrevemos nossa história. Se sua tese de doutorado em história defendida na UFSC, em 2012, Almir Antônio de Souza apresenta novos documentos pesquisados no Arquivo Nacional sobre a penetração luso-brasileira nos Campos de Palmas e descobre um Condá mais complexo e menos herói, porém menos vilão também. O autor apresenta um líder mais humano do que a imagem maniqueísta e perseguida por aqueles importantes estudos anteriores sobre os Kaingang, como, por exemplo, os de Lúcio Tadeu Mota sobre *Os Guarás dos Kaingang* (UERJ, 2009) e os de Wilmar da Rocha dos Anjos quando atuou como técnico do Conselho Indigenista Missionário na defesa dos territórios indígenas do Toldo Ximbande, no município de Chapecó. Assim como Souza, Nedel, no seu romance histórico, está atento a estas mudanças, inclusive, o autor faz referência a novos estudos históricos em meio a sua narrativa ficcional.

Em *Condá – o Imperador do Oeste*, temos um romance sensível a esse mundo complexo. O autor paga seu tributo à história ao mostrar que Condá praticamente nasceu no Fortim do Atalaia, o posto mais avançado dos paulistas nos campos de Guaçuara no começo do século 19, convivendo, portanto, com a cultura de violência dos bandeirantes. Mas o autor permite-se também imaginar um romance de fundo entre Condá e uma índia chama-

da Cachemre, atendendo talvez a um apelo estético necessário a esse gênero de narrativa. Mas, com os novos estudos historiográficos como o de Souza, sabemos que Condá casou-se com Helano com Rita de Oliveira Falcão e Pa. e depois de retirar-se do fortim para os matos e campos mais ao sul dos campos de Guaçuara, liderando uma centena de índios, reuniu-se a outras duas milhares numa prática poligâmica bastante comum entre os índios daqueles tempos. Já na segunda metade do século 19, Condá lutou intensamente na defesa dos territórios Kaingang, chegando a impedir uma viagem a capital da Província do Paraná com uma comitiva de 30 índios no intuito de reclamar ao governador as marcações de terras, professores de primeiras letras e freiras.

Quando então ficção e história, o texto de Nedel busca uma certa plausibilidade dos fatos que historicista ou inventa, para criar aquilo que não está totalmente ao alcance do historiador, mas sim da literatura, do romance histórico e, assim como as novas narrativas historiográficas, não pretende representar Condá como herói, tampouco o coloca como pária. Uma característica cada vez mais marcante nesses novos estudos é a de evitar os manjões. Porém, os índios continuam sendo alvo de muito preconceito na região e com frequência são associados por uma visão idealista de sua condição que evita, de um lado, que comporte-se conforme a visão salucionista de um índio idealmente puro, integrado à natureza, que nunca muda seu modo de vida antigo, como se sua cultura também não mudasse, e de outro, uma reedição total a uma nova cultura que de forma completamente seus hábitos tradicionais. Enquanto impacta essa visão dicotômica, os índios passam por processos internos ou explícitos de invisibilização e desumanização ao longo da história. Quando não oferecem perigo a esse processo agrícola e pecuário a grilagem de terras em nome da intensa exploração da madeira de araucária, espécie hoje praticamente extinta, não há espaço para nenhuma em obter terras, indicando ao modo ideal da literatura romântica do século 19, o nome e as praças com seus alcumbas. Mas quando os índios tomam a palavra, organizando em movimento social e cobram do Estado a restituição de seus antigos territórios, essa aparente harmonia revela-se enganosa. A atuação de deputados da região Oeste contra as políticas de demarcação de terras indígenas, pública memória, precisa disso.

Em Chapecó, parece estar também em curso um sutil apagamento da palavra índio dos corrimãos e da toponímia local quando notamos que o Estado Reprodutor Índio Condá e a vila Índio Condá passaram a ser nomeados Arcaica e simplesmente Rua Condá. Uma das mais importantes ruas de Chapecó é a Super Condá, já fora o R. do Índio Condá.

Que motivação política tem a luta por um e o símbolo dessas coisas aparentemente tão simples. Mas o desapego de uma palavra não é política, é simoniacal de forças vanguardistas ou conservadoras. Não temos dúvidas de que este apagamento seja produto de forças conservadoras e segregadoras. Contudo, “Condá”, muito mais a palavra do que a personagem, permanece resistindo, mesmo que pouco salubres desta biografia.

Assim, é também importante reconhecer que Condá, antes de todo um índio da etnia Kaingang, figura bem real, bem humana que, como qualquer outra pessoa, com qualquer família Kaingang que luta pela sobrevivência, que vende artesanato na praça, acerta e erra, passa por momentos de força e de fraqueza e é suscetível também ao assédio do outro, seja o bárbaro que nos assombra de tempos em tempos. De qualquer forma, é preciso combater a ignorância, se a principal fonte do preconceito é a ignorância, pois que busquemos a luz do conhecimento na história, na antropologia, na literatura, na arte, mas também nas novas narrativas que os próprios índios constroem sobre si mesmos.

Depois do desastre da Clapense, profundamente sentido no Brasil e no mundo, sabemos que sonhos, famílias e valores terão de ser reconstruídos, o futebol e a imprensa na cidade faz parte de ser reconstruídos. O time que alimentava muitos e sonhos fora criado pela estúpidez e pela negligência, mas a solidariedade colombiana e as latinoamericanas mundo abra nos fazem acreditar na capacidade humana de solidarizar-se e na possibilidade de um futebol menos violento e com mais sonhos. Inteligentemente, foi uma tragédia que despertou maior consciência no mundo do futebol. É tempo de reflexão e reconstrução. Talvez seja também o momento de revisar nossos mitos, nossa história e nossa memória. -forcaclube

É colunista do *Diário Catarinense* e atua nas categorias de base do clube. É doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e professor na Universidade Federal da Fronteira Sul.

# CLIPPING DIGITAL

Notícias de 17/12

[Concerto de encerramento de ano do Madrigal e da Orquestra de Câmara da UFSC](#)

[Informação. O papel do jornalismo](#)

Notícias de 18/12

[Entre carnificina e roubalheira, amenidades para um domingo sem bola rolando](#)

[Menina de 10 anos ganha prêmio por ler 97 livros em um ano](#)

["Condá fora, antes de tudo, um índio Kaingang que, como qualquer outro luta pela sobrevivência, acerta e erra](#)